

O QUE PODE O BEBÊ?

WHAT CAN A BABY DO?

Leandro Andrade*
Bruna Lima Santos**
Ketiene Moreira da Silva***
Anete Abramowicz****

Introdução: bebê como potência

Este artigo em forma de ensaio pretende pensar o bebê como potência que se efetua em seus movimentos, em seus tempos e espaços múltiplos, seja a partir das chaves teóricas propostas em Deleuze (1998, 2006) sobre a potência como a partir das formulações conceituais dos autores que permeiam sua obra: como Espinosa (1973), Bergson (2011, 1988) e Nietzsche (2009). Também se baseia na con-

junção de Deleuze e Guattari (1998, 1976), no inquerer em Deligny (2013, 2015), na singularidade pré-individual como pensou Simondon (1964), posteriormente desenvolvida por Deleuze e Guattari (1998, 1976). O que significa dizer que o bebê é uma potência e uma fonte infinita de possibilidades de formas de ser e de viver, e não, por exemplo, como uma força de poder. É uma potência do quê?

Potência é um conceito Nietzscheano/Spinozista que foi desenvolvido como uma

* Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil. E-mail: leandroandradepedago@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9404-9503>

** Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: bruna_santos5@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9636-2863>

*** Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, Brasil. E-mail; ketienesilva@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3574-1585>

**** Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: anetabra@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4714-3602>

inovação deleuzo-guattariana. Tentamos acompanhar a experiência do bebê, pois sua experiência no mundo difere muito da nossa, dos adultos, e também das crianças que já vivenciaram os processos de subjetivação identitária. Há nos bebês uma potência de vida, que se atualiza em movimentos, que afetam e são afetadas. Nos bebês, tal como mostrou Simondon (1964), habita uma fonte, uma multiplicidade de virtuais, que podemos traduzir como forças que pedem para serem atualizadas, ou seja, forças que podem se configurar em formas. Os conceitos de intuição, duração - élan vital de Bergson (2011, 1988), a noção de potência de Espinosa (1973), e a noção de singularidade pré-individual de Simondon (1964), Deleuze e Guattari (1998, 1976) servem para pensar os bebês e tudo aquilo que eles carregam como possibilidades. A singularidade “pós-individual” já subjetivou os esquemas de poder (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Essa fonte inesgotável de possíveis que podemos denominar de pré-individual é anterior aos esquemas de poder que interiorizamos, e também anterior à formação da inteligência (BERGSON, 2011). E a inteligência não é o meio pelo qual o bebê experimenta o mundo. Então, não tem sentido falar em singularidade para o bebê, como se essa fosse similar à individualidade. Trata-se sim da singularidade pré-individual, como singularidades múltiplas e nômades. E não é a inteligência, mas o afeto que o bebê conhece, vive e experimenta o mundo.

Criamos associações conceituais sob a experiência de imanência pura do bebê. O bebê se move em sua “singularidade pré-individual” conforme sinaliza Simondon (1964), Deleuze e Guattari (1998, 1976); em “imanência pura”, de acordo com Deleuze (1993); em intuição direta dos dados ime-

diatos, segundo Bergson (1988), e no conceito de tempo como duração sem divisão entre passado, presente e futuro, também de Bergson (2011). Esse autor menciona o quão difícil é para o adulto intuir a duração. Trata-se de algo antinatural para a pessoa grande, muito difícil, que exige um esforço colossal. Porém o bebê antecipa os limites da inteligência, tem na intuição um estado natural no qual não é preciso esforço algum. O adulto tem de devir-bebê para que reencontre a força explosiva e criativa do élan vital (2011). O bebê, como singularidade pré-individual, é anterior à subjetivação e individualização e nada nas águas de potências que ainda não foram codificadas por diagramas do poder, e que nem socialmente foram determinadas. Os seus movimentos não estão limitados pelos esquemas estabelecidos.

O bebê se move em sua intuição direta dos dados imediatos (BERGSON, 1988), do tempo como duração (BERGSON, 2011), sem divisão em instantes que se sucedem. Para compreender melhor essa experiência do bebê, é útil distinguir entre três modos de percepção: inteligência, instinto e intuição.

Inteligência - O bebê não vê a relação entre os objetos. A inteligência é necessária para a sobrevivência, permitindo classificar e analisar os objetos. Nos seres humanos, a inteligência, cujo conteúdo constitutivo é a linguagem, é transmitida na vida em sociedade. Com a inteligência, somos capazes de cindir o tempo e dividi-lo em uma sucessão de instantes que passam entre passado, presente e futuro, que compõem entre si relações de causalidade. Chamamos esse tempo de tempo espacializado, podendo também ser denominado de tempo matematizado, gramatizado. Em suma, ele segue a lógica mecânica do relógio, onde não há diferença qualitativa entre um instante e

outro, sendo partes iguais e quantitativamente acumuláveis.

Instinto - O bebê vê o objeto. O instinto também é útil para a sobrevivência, permitindo uma forma direta de conhecimento. No entanto, os instintos nos humanos são menos potentes que em outros animais.

Intuição - O bebê vê o objeto em sua essência ou natureza constitutiva, como um dado imediato em sua consciência. Ele o percebe não como objeto recortado no espaço pela linguagem, nem como objeto de instinto de sobrevivência, porém como um objeto que tem sua realidade em si mesmo, composto de qualidades heterogêneas que não se dividem: uma multiplicidade inominável. A intuição torna-se possível quando a sobrevivência não é uma preocupação. Ela é um refinamento do instinto. Vê-se o objeto de maneira direta, como um dado imediato, mas não por necessidade (de alimentar-se, por exemplo), e sim como um objeto que tem vida em si mesmo, existência própria, que dura no tempo. Tem-se a experiência da duração do objeto. Isso é, por extenso, uma experiência do tempo como duração. Acessamos o tempo como duração quando não o dividimos matematicamente ou em função de alguma utilidade. Quando não estamos movidos puramente pela necessidade, podemos vivenciar o tempo de maneira despreziosa, como algo não dividido entre passado, presente e futuro, e sim algo que dura como um todo e no qual passado, presente e futuro se sobrepoem como duração. O passado não é algo que, dividido do presente, fica para trás, é algo que dura no presente, que se acumula, enquanto o futuro não está para depois, persiste no presente como criação imprevisível. Ainda mais, no tempo como duração os objetos não estão separados pela palavra, pela linguagem. Sem identidade, eles são

uma multiplicidade heterogênea e indiscerníveis, isto é, diferentes entre si, mas não separados uns dos outros.

Pensar o bebê com esses conceitos é fascinante. Ele não desenvolveu a inteligência para olhar o tempo de maneira cindida e mecânica. Supomos, então, que o bebê vive quase imerso na intuição e que o tempo como duração seja sua principal percepção do tempo. Um mundo de intensidades por onde ele se movimenta e experimenta os objetos como dados imediatos da consciência, sem finalidade, sem função, mas como objetos singulares, em um mar de multiplicidade heterogênea sem divisão. Quando um bebê nasce, não existe mãe, nem pai, nem médico, nem parteira, nem banheira, nem hospital, nem casa, nem maca, nem data, nem hora... Ele é mergulhado no rio da duração, onde todo objeto é vida e toda vida, multiplicidade heterogênea.

Há essa pura intuição que entra em contato diretamente com os dados imediatos no bebê, em um fluxo constante. Ele nada questiona, pois “questionar” é um produto da inteligência. Seu movimento afirma-se na imanência pura. Mesmo assim, ele se movimenta num mundo que, externamente, está atolado em significados. Mundo não só de potência, mas de poder. Então, ao mesmo tempo em que o bebê é totalmente aberto e expansivo, ele torna-se frágil diante dos poderes, pois está em “pura absorção”, “pura movimentação” de mudança e ação. Essa absorção ativa do real circundante também incorpora nele os esquemas de poder. No seu puro movimento, os esquemas de poder podem interromper a sua potência, impondo limites e redirecionamentos, como acontece rotineiramente nas escolas, famílias, igrejas, pedagogias e psicologias. As relações de poder querem intermediar os movimentos dos bebês. Mas existe uma

forma de moldar as relações de poder necessárias para manter a vida. Ou tudo se esfacelaria em devir puro. Então o poder é necessário, as estruturas o são, mesmo que sejam percebíveis e temporárias. Teríamos, porém, que remodelá-las com ideias novas para produzir um exterior onde a potência fosse conservada, ampliada e estimulada. A destruição das estruturas não é viável, pois o poder faz com que as vidas permaneçam, que tenham um mínimo de conservação em meio ao caos, em meio às forças.

O poder não é inútil e nem “mal”, ele não é uma mercadoria, ele é produtivo e espalhado no tecido social, tal como formulou Foucault (1979), mas ele deve ser agenciado na sua relação com a potência. São forças distintas. Enquanto o poder busca formatar as forças, a potência quer expansão, sem formas. Mas forjar vidas são estratégias de constituir formas. Uma certa forma para proporcionar a vida. Mas há concepções de vida. Para uns, a vida é adaptação à sociedade, irrestritamente: se tornar racional, cristão, adulto, inteligente, disciplinado e dócil (FOUCAULT, 2008). Tomar para si identidades fixas, se adaptar brutalmente. Defendemos a ideia de que a vida é a potência de criação, de experimentação, a vida é fruição, como disse Krenak (2020). E a vida do bebê é um movimento puro, sem significado, sem objetivo. Precisamos dessa potência-movimento mesmo para criar esse outro mundo, diferente, mais alegre. As relações de poder neste mundo se estruturam e se conservam sob o ponto de vista adulto, urbano, institucional, trabalhista, sob a vida impotente, marcada pela guerra, escassez, miséria e morte. A potência-movimento do bebê vai vagueando, assim, na estreiteza.

A pura intuição por meio de movimentos, de agires sem intenção (DELIGNY, 2017), de contato direto com os dados ime-

diatos do mundo, sem a intermediação da inteligência, estabelece uma relação direta com as coisas do mundo, não com palavras. O bebê faz isso não por meio de meditação ou esforço cognitivo, mas por meio de seus múltiplos movimentos. O bebê vive em seus movimentos, afirmando-se na imanência pura, sem questionar poderes. Ele absorve o mundo de significados ainda não assimilados e de poderes que o cercam. No entanto, é uma via de mão dupla: os movimentos múltiplos e imprevisíveis do bebê também afetam e transformam as relações de poder. Por exemplo, ao explorar livremente um ambiente, o bebê pode transformar a dinâmica de controle e hierarquia ao exigir uma resposta adaptativa dos adultos ao seu redor. Os bebês em seus agires afetam os adultos, as coisas, as normas, a pedagogia, como mostraremos, já que se relacionam ou não, a seu modo, com os dispositivos pedagógicos postos para eles. Se queremos afirmar a potência pura do bebê, o poder é um verdadeiro problema (DELEUZE, 1976), pois atenta contra os movimentos do bebê, de imediato. O poder é necessário, mas não da forma como ele se estabelece. Teríamos que refazer as relações com ideias novas para produzir uma exterioridade também de múltiplo movimento livre.

A arte faz um bom encontro com o que estamos tentando afirmar neste artigo sobre os bebês, pois os artistas criam algo como os movimentos dos bebês. O bebê, na fruição da singularidade pré-individual, acessa esse mundo de puras sensações. É como se, para os bebês, o mundo fosse uma obra de arte em movimento, no qual os bebês se movimentam em fluxo contínuo e movimentam o movimento da obra-mundo-movimento. Abstrair, retirar as percepções que já estão formatadas: para os artistas, trata-se mais de sobrepor camadas de sensações. Alguns ar-

tistas subvertem a noção de abstrair, porque quando se abstrai, se tira algo. Mas os artistas também tiram alguma coisa: justamente essa forma subjetiva da inteligência, das percepções, das representações dadas, prontas, calcificadas. Como o bebê não tem essa forma, ele chega assim, sem esse impedimento da subjetividade. Já os artistas são adultos, eles têm essa forma assujeitada, então eles precisam devir-bebê para sobrepor camadas de sensações, viver e afetar as percepções.

Os artistas fazem as duas coisas no processo criativo, de maneira temporária, eles devem entrar em algum tipo de transe... Um processo duplo: de tirar, abstrair e de sobrepor camadas. Devem, de alguma maneira, esvaziar-se de todas as formas de representação para poder criar. Mas o processo de sobrepor camadas toma conta. Ao fim, devem abstrair para sobrepor camadas de afetos e percepções da singularidade pré-individual, enquanto precisam suspender as formas rígidas para liberar a força criativa.

1. Bebê e tempo

Os bebês não precisam abstrair nada, fazem uma conexão imediata com o real, com as coisas, vivem a duração na singularidade pré-individual. Então, digamos que, na experiência do bebê, inicia-se a absorção das formas, o movimento livre e criativo de sobrepor camadas sensoriais. O ato criativo também é sempre duplo: cria a si e o mundo. Sob si e o mundo, ele vivamente produz uma sobreposição de sensações, afetos e percepções; uma sobreposição de camadas temporais; uma sobreposição de camadas espaciais. Na duração, o tempo está todo sobreposto: passado, presente e futuro não se separam em instantes sucessivos, é um “tempo inteiro”, uma eternidade. Do Aión, do Kairós e do Chronos.

Mas qual seria a relação do bebê com o tempo? Em qual tempo vive o bebê? É importante compreender que tempo cronológico é a base dos processos sociais de controle e produção capitalista-burocráticos, no tempo-dinheiro do esgotamento (HAN, 2015). Este é o tempo *chronos*, que não se limita a uma invenção humana e que devemos desafiar e superar. Mas ele é também uma camada “originária” do tempo, como atributo da substância, da natureza-naturante-naturalidade. O tempo cronológico existe por uma necessidade de sobrevivência, uma necessidade vital e ele faz parte da vida. O problema é que é sobre ele que se produz a inteligência como subjetivação de formas rígidas.

Se o bebê afirma-se como imanência pura, que se movimenta sobre si e sobre o mundo, que absorve ativa e passivamente o mundo para si, como élan vital, força criadora e caótica (BERGSON, 1964), e compositora molecular do processo-mundo, o bebê afirma-se em movimento, ele é uma vida-movimento, no qual a força ativa predomina. Ele movimenta-se, mais do que reage (DELEUZE, 1976). Todos nós somos um modo da substância (ESPINOSA, 1973). Mas o bebê, mesmo como um modo da substância, está “epistêmica e cognitivamente” radicalmente imerso na substância. São as formas da razão e das percepções já contornadas pela rede de significação social que nos inclina para a transcendência e obediência a conceitos tirânicos. O esforço de Espinosa para recolocar a experiência do corpo na imanência por meio da razão é admirável, é belíssimo. Entretanto, torna-se também um bom exemplo do esforço que o adulto faz para recolocar o corpo como espaço de experiência.

O bebê nasce na imanência pura das coisas, está imerso e aberto aos dados puros do mundo, das puras sensações, de maneira

infinita. Ele movimenta-se no mundo de repetições, navega num mar de tintas, de rios de cores, melodias, aromas, contatos. Não há nomes das coisas, nem separação dos objetos, nem um sujeito no bebê, ele não subjetivou as formas do poder que o separa da sua potência.

Imerso na fruição do movimento, o bebê “nada de braçadas” na natureza, no caos e no “vazio primordial” (HESÍODO, 1995). Seu movimento sobrepõe camadas do real, simultaneamente atual e virtual (DELEUZE, 2006). Esse nadar é vivo e livre, sem os impedimentos molares. Porém, é um estado de constante perigo e vulnerabilidade, pois sem a inteligência produzida sob o tempo cronológico, o bebê não pode sobreviver por conta própria. Desde o nascimento, e até mesmo antes, as instituições programam e oportunizam tecnologias de poder que moldam o bebê, cuidando e instituindo formas nele.

O bebê precisa ser cuidado assim que nasce. Até mesmo antes dele nascer, as instituições, a partir de um momento programado ou oportuno, produzirão nele formas e identidades com as tecnologias e dispositivos de poder. Estado, escola, igreja, família, capital, TV, celular, todos esses aparatos postos para a captura do corpo, do desejo e das forças do bebê. Então todo o exterior trabalhará para dar forma, produzir nele uma subjetividade, uma identidade. Ele torna-se vulnerável ao nascer na condição determinada de entrega total à criação/absorção da exterioridade, num nível de recepção da sensação pura que o faz receber os esquemas de poder sem nenhuma proteção própria. Um cuidado possível viria dos adultos, se, num devir-bebê, questionarem o poder a ponto de mudarem, de compreenderem cuidado como proteção e estímulo da potência do bebê e de todas as idades,

em todas as instituições. Trata-se aqui da apresentação de uma proposta radical de modificar as relações de poderes em função da potência do bebê, a começar pela escola – mas em todas as instituições. O poder não é destrutível, não bastaria destruir o capitalismo e o Estado, as relações de poder permaneceriam, mudariam de forma, pois são micro, átomos esparramados pelo tecido social. Mas trata-se, sobretudo para começar a experiência, de como o adulto deixa-se afetar pela potência do bebê, cujo efeito pode facilitar o contato do adulto com a duração, com as sobreposições temporais, ao mesmo tempo com a vulnerabilidade de liberar em si mesmo o “direito” à vulnerabilidade, frágil e sem culpa. Soltar o choro e a sensação de vertigem que o caos provoca quando nos sentimos perdidos. Deixar afetar-se pelo bebê. Vulnerável às relações de poder, intuitivo e criativo. Assim, o adulto poderia modificar as relações de poder em favor da potência do bebê e de todas as outras idades.

2. Bebê e as supervivências

Mesmo que as forças reativas dominem e declarem-se inimigas das forças ativas, que queiram controlá-las e privá-las de si mesma, que desejem tornar corpos fracos e passíveis de escravidão espiritual, mesmo com toda essa perversidade, as forças ativas não são inimigas, nem rivais das forças reativas. As forças reativas não devem ser destruídas. Elas são necessárias para a sobrevivência. As forças ativas não são forças de sobrevivência, são forças de supervivência. A revolução na escola e na pedagogia acontecerá quando entenderem a crítica de Nietzsche de que as forças ativas estão submissas, mas elas precisam estar no comando, em uma hierarquia de forças;

precisam comandar e dar funções para as forças reativas, colocando-as para trabalhar em seu favor. As forças reativas precisam servir, funcionar para conservar e estimular as forças ativas e assim ganham também um lugar mais feliz na existência. A crítica de Nietzsche é que a nossa sociedade está sob o comando das forças reativas, e as forças ativas estão subjugadas. Vivemos em um mundo de mediocridade, decadência, um mundo doente, no qual a inabilidade do animal humano em lidar com sua própria potência criativa faz com que ele destrua o mundo em que vive e o torne um lugar miserável para se viver.

Se as forças ativas fossem predominantes, teríamos uma escola mais libertária, onde as aulas seriam pensadas junto com as crianças, no desejo/forças/pulsão delas, enquanto o conteúdo seria lhe dado com muito cuidado, à altura de um bom encontro. Colocar as forças ativas no comando, reformular o poder, em função da potência do bebê. Revolucionar a escola, a creche, a universidade e nossas relações de poder e potência. Escolas e pedagogias da potência, a finalidade da educação como estímulo da potência do bebê, e não amparada em uma finalidade externa e distante, como produzir “um trabalhador”, um “bom cidadão”, um “profissional”.

3. O vaguear do bebê na creche

A linguagem oral ainda não alcançada pelos bebês é um fator determinante para nós adultos atribuímos constantemente sentidos nas ações e movimentações reali-

zadas por eles. Afinal, se ouvimos os bebês chorarem: dizemos que ele quer colo. Se escutamos um balbucio: os bebês podem querer a chupeta. Como adultos carregados de identidade e subjetivados ininterruptamente, estamos sempre atribuindo “quereres” para os bebês. Podemos afirmar e nomear, afinal, o que os bebês querem a partir das suas movimentações?

Fernand Deligny, conhecido como educador, preferiu autoneomear-se poeta e etnólogo. Dedicou anos de sua vida ao acolhimento de crianças autistas, inadaptadas, delinquentes e psicóticas, na França, entre os anos de 1967 a 1996, numa tentativa de dar a elas uma possibilidade de existência numa sociedade que as excluía. A partir dessas observações, Deligny desenvolveu formas de pensamento e pictóricas que nos permitem perceber/visibilizar os movimentos realizados por essas crianças, não com intuito de compreender e entender os movimentos, e sim de cartografar, para se avizinhar dos movimentos das crianças.

Para Deligny (2017) existe uma diferença entre agir e fazer, pois, para ele, “o fazer” visa um objetivo, tem um sentido e está associado a uma intencionalidade. Diferente “do agir” que é um gesto ou movimento sem finalidade, não é produto de qualquer vontade ou intenção e não exige reciprocidade, é uma espécie de inquerer.

Se partimos da perspectiva de Deligny é difícil afirmar que os bebês fazem¹ algo no berçário, pois só conseguimos saber do objetivo e da intenção do outro quando ela é expressa verbalmente. Então, afinal, os bebês não fazem e nem querem nada?

1. É importante ressaltar que existem algumas linhas e perspectivas no campo dos estudos da infância e de bebês no Brasil. Ressalta-se aqui, por exemplo, a pesquisa de Paulo Fochi, intitulada *Afinal o que fazem os bebês no berçário?*, que destaca as aprendizagens dos bebês em contextos de vida coletiva por meio da documentação pedagógica.

O agir é de puro agir, ou seja, o agir é desinteressado. “Mas, esse desinteresse diz respeito ao que seria o “quê” do querer, não ao indivíduo que se privaria do benefício dos seus atos” (DELIGNY, 2015, p. 47). Portanto, ao apostar/afirmar que o bebê é um ser sem querer não implica que ele seja inerte às interações com os demais bebês, adultos e objetos dentro do berçário. Exemplificando, uma cena que é comum nos ambientes dos berçários com os bebês: um bebê que está interagindo com o ambiente e com os outros bebês e, “do nada”, começa a chorar, o adulto se dirige até ele, comumente fala coisas para acalmar como “tudo bem”, “não precisa chorar”, “passou” e o pega no colo, fica balançando-o e coloca uma chupeta na sua boca.

Ainda que pareça óbvio, não podemos afirmar que a intenção ou o objetivo do bebê ao chorar era ser acolhido no colo pelo adulto e que queria chupar a chupeta, mesmo que depois ela sirva para algo. Pois ocorreram diversos movimentos sutis da professora que poderiam motivar a interrupção do choro, como, por exemplo, a professora se aproximou do bebê, ela o pegou e colocou no seu colo, ninou, ou seja, fez um agenciamento, e colocou a chupeta em sua boca. Foi uma sequência de ações que normalmente são reduzidas e apenas entendidas como o querer do bebê: a chupeta. Há vários agenciamentos na cena: a professora pega o bebê, a professora pega a chupeta, coloca a chupeta na boca dele, o bebê chupa a chupeta, se ajeita no colo da professora, tira seu corpo do lugar onde estava, dá uma outra possibilidade, faz contato físico, e muitos outros. O que podemos afirmar com isso? Talvez, coincidências! O bebê ter interrompido o choro após a professora ter entregue a chupeta pode ser apenas uma coincidência. De acordo com

o dicionário Michaelis (2024) coincidência pode ser:

1 Ato ou efeito de coincidir. 2 Estado de duas coisas que coincidem, se ajustam. 3 Concomitância, não prevista, de dois ou mais acontecimentos; acaso, casualidade. Assim, se assumirmos as coincidências é possível se distanciar do querer pois conforme destacado na definição ela está diretamente ligada ao acaso, ao imprevisível e não tem o esperado/objetivo.

Deligny aponta que “as coincidências não nos pedem nada; bastava-nos percebê-las, e, uma vez desenvolvido o golpe de vista, elas se multiplicavam diversificando-se” (DELIGNY, 2015, p. 57). Ele destaca, ainda, que é possível que o agir fosse ávido de coincidências, só isso. Mas as estranhas coincidências só podem ter um lugar se o querer permanece limitado.

Podem haver coincidências com o que acreditamos ser o querer dos bebês com os seus movimentos! O momento que o querer alheio é pressuposto e esperado apaga o agir inato; este parece inconcebível, e o é verdadeiramente, pois já nenhuma palavra convém (DELIGNY, 2015, p. 35). É necessário retirar a necessidade do querer e ater-se às coincidências que ocorrem nos espaços ocupados pelos bebês. Pois, por meio dela é possível ver os agires dos bebês dentro dos espaços afirmando suas potencialidades e singularidades. O que podemos fazer? Ajudá-las a expandir.

Quando a noção de querer é destituída, conseguimos olhar para os movimentos dos bebês e identificar as forças atuantes. A ideia é pensar como essas “forças” atuam e quais os seus campos relacionais. Nesse sentido, não são estruturas e sim fluxos. As vivências não estão postas, não tem como qualificá-las, são experimentações e conexões.

Obviamente, vivemos numa sociedade que determina identidades, o que é crucial para estabelecer quem vive e quem morre nos dias de hoje: um fato. Mas o que vem antes da identidade? Poderíamos complexificar o que vem antes da linguagem? Essas questões não sabemos responder, e acreditamos que a ideia de linhas de forças – que são múltiplas, caóticas, disruptivas e singulares – nos ajudem a pensar essas determinadas questões e os agires dos bebês no berçário. Focaremos aqui em duas linhas de forças: as costumeiras e as de errância destacadas por Deligny (2017).

4. Bebês em errância.

O que define uma força não é a existência de si mesmo ou algo posto, e sim o seu campo relacional e as conexões. As linhas coexistem dentro do território e não estão relacionadas com a linguagem, mas sim a linguagem que deve segui-las. Ao cartografar, Deligny (2017) destaca dois tipos de linhas que atravessam as crianças autistas: a primeira é a linha de errância que está diretamente ligada ao vagar; a segunda é a linha costumeira, que para ele são linhas produzidas a partir da convivência e do vagar comum, em especial nas presenças próximas, nas movimentações e nas atividades compartilhadas. Todavia vale ressaltar que o comum aqui se difere da vida cotidiana.

A partir das linhas atuantes sobre os bebês que vão configurando os movimentos de desejo, Deleuze denomina também a “linha de vida”. E o desejo aqui não é na concepção de desejar ou buscar como nos é usual, ou desejar algo que nos falta, mas sim como o movimento de produção de novos universos, movimentos de atualizações de novas práticas e novos discursos (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

De qualquer maneira, seja qual for o movimento pelo qual nos introduzimos na abordagem do desejo, sempre encontramos, ao mesmo tempo, os outros dois movimentos. Não há simulação (2° movimento) que não implique, simultaneamente, por um lado, atração ou repulsa de corpos gerando afetos (1° movimento) e, por outro, formação de territórios (3° movimento). Assim como não há território (3° movimento) que não seja trabalhado por desterritorializações, operadas por afetos que lhe escapam, nascidos do encontro com outros corpos ou com os mesmos corpos, que se tornaram outros: linhas de fuga (1° movimento). Como tampouco há linhas de fuga de afetos (1° movimento) que não tentem simular (2° movimento) e agenciar matérias para constituição de território (3° movimento), a ponto de nem dar para dizer quem vem primeiro (ROLNIK, 2006, p. 52).

Ousamos dizer, ainda, que o desejo ocorre também nos movimentos de territorialização e desterritorialização que são produzidos pelos bebês na creche. O desejo é da ordem da conexão das forças atuantes no território do berçário. O desejo é sempre agenciado, ele é o que o agenciamento determina que ele seja (DELEUZE; GUATTARI, 1996). Assim, o desejo é a ligação com o fora, é expansivo, são as conexões. O desejo aqui não é encarado como falta, e sim como produção, pois se produz no próprio sujeito como um impulso, caminhos e forças. A efetuação de uma força, de um impulso gera um excesso de ser e não de falta.

5. Cartografia dos bebês

Mas, afinal, como visualizar e perceber os agires dos bebês? Como enxergar as forças e o desejo produzido? Como, de fato, respeitar e valorizar as diferenças e singularidades dos bebês por meio dos seus movimentos?

A cartografia talvez seja uma pista para a resposta às três perguntas no parágrafo acima, e é inspirada em Deligny como forma de dar visibilidades às movimentações e ações das crianças e jovens consideradas autistas e delinquentes. O uso de mapas por Deligny (2017) buscou fugir do comum, identificando/localizando os movimentos das crianças e, portanto, a cartografia também se mostrou potente para olhar os movimentos dos bebês na creche. Tebet e Abramowicz (2021) afirmam ainda que a cartografia oferece condições para se visibilizar bebês ultrapassando a representação de que eles não apenas dormem, mamam e evacua, ou a perspectiva de que nada fazem.

Vale ressaltar, ainda, que o objetivo da criação da cartografia não é explicar o comportamento do bebê a partir da perspectiva do adulto, e sim seguir os agires, as suas potencialidades, os desejos e as forças. “Os mapas são assim um modo de desviar da linguagem e de ver o que não pode ser visto por um sujeito justamente por causa da sua linguagem – ou seja, por causa da posição que ele ocupa enquanto sujeito” (MIGUEL, 2015, p. 62).

A cartografia substitui a fala e é uma maneira de evitar o excesso de compreensão que tornaria invisível a existência do autista (PELBART, 2019), e por isso acreditamos na cartografia para traçar também os movimentos dos bebês.

Deligny e seus colaboradores produziam cartografias de jovens. Para Deligny (2017), não é necessária formação nem conheci-

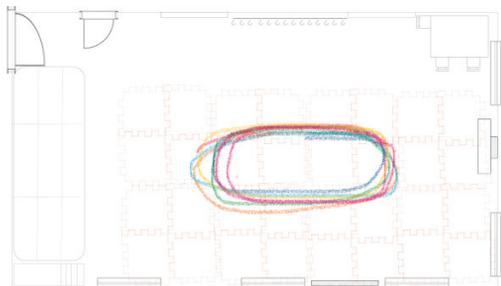
mento prévio para a produção de cartografias e nem existe um modelo específico. Não há um modo certo e nem errado para a sua produção. Elas podem não ter começo e nem fim e podem até se tornar um emaranhado de linhas. A ideia de cartografia à mão (com papel transparente e folhas sobrepostas) de Deligny foi produzida há décadas, e hoje, com avanço da tecnologia, pode-se argumentar que o vídeo poderia tornar-se um recurso à produção de cartografias, ou mesmo substituí-las. Porém, o que se defende aqui, é que a cartografia mantém sua importância, pois ela destaca os movimentos e os detalhes que em vídeos de 30 segundos, por exemplo, passariam despercebidos. Não registra os afetos/conexões/agenciamentos que se criam. Ela é uma forma de mostrar justamente o que nos escapa, o que foge do nosso olhar e o que não nos diz respeito (PELBART, 2013).

Os mapas são modos de ver o que a gente não consegue porque a linguagem nos impede, pois ocupamos um lugar social como sujeito. Por isso a ideia de cartografar os bebês, vai além de pegar as folhas e “desenhar”, é tentar destituir o sujeito que está posto, é perceber como os movimentos e forças vão atuando e se agenciando, quais afe(c)tos e afecções são produzidos.

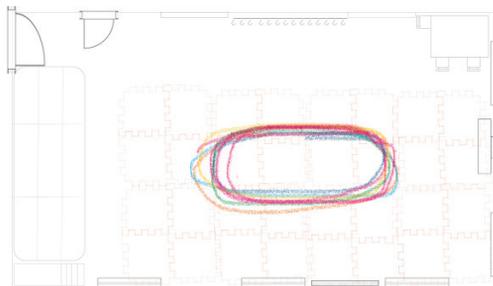
Não tem um objetivo e momento esperado para fazer as cartografias, elas são produzidas a partir do agir e vaguear dos bebês nos ambientes dentro da creche. Não tem um projeto pensado para cartografar. Portanto, cartografamos, depois encontramos e conseguimos visualizar a dimensão e contingência espacial que só nos é possível ver por meio da cartografia.

6. "Cartografia As voltas de José"²

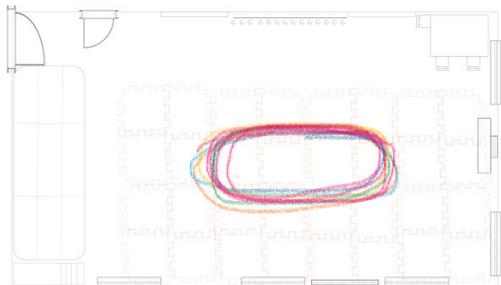
Cena 1



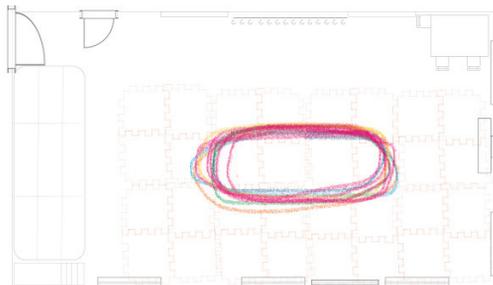
Cena 2



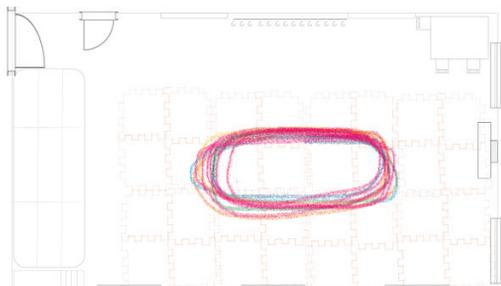
Cena 3



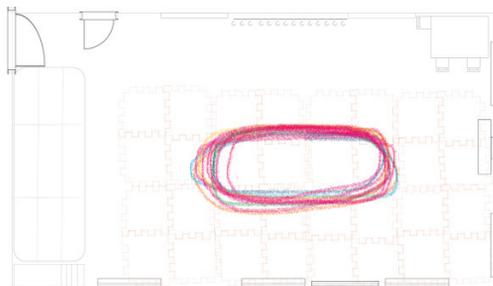
Cena 4



Cena 5

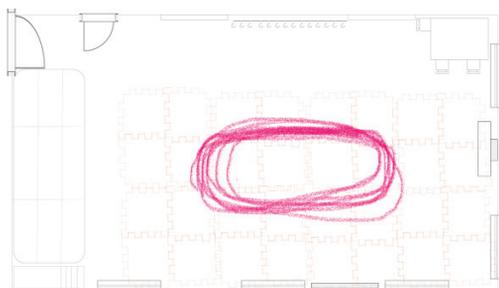


Cena 6



2. Cartografia produzida por Santos (2024). No prelo.

Cena 7



“As voltas de José” é uma cartografia produzida a partir da observação de uma turma de berçário num centro de educação infantil no estado de São Paulo. Ela talvez nos dê uma pista sobre os possíveis agires dos bebês – esses círculos estão representando movimentos circulares realizados pelos bebês no berçário, e cada cor representa os movimentos dos bebês. A partir dela, conseguimos visualizar a produção de um novo espaço dos bebês: as voltas não têm um objetivo ou um porquê, nem surgem por meio de uma intervenção ou indução de um adulto, elas só acontecem!

O movimento circular no centro da turma, que quando percebido pelo adulto notou-se a participação de alguns bebês que são representados por cores diversas, conforme destacado na cena 1, fazendo o mesmo movimento. Com o decorrer das voltas, nota-se a predominância de apenas uma cor, ou seja, os demais bebês foram explorar e experimentar outras coisas no berçário, mas “José” (representado pela cor rosa) permaneceu fazendo os movimentos como aponta a cena 7 da cartografia.

Diariamente as professoras organizavam a sala do berçário com propostas para que os bebês pudessem explorar os diferentes materiais e brinquedos. Essas atividades eram planejadas e executadas visando uma aprendizagem, ou seja, tinham uma inten-

cionalidade esperada pelos adultos ao dispor e oferecer os objetos como propostas pedagógicas. Mas os bebês se movimentam por meio das forças, e deste modo transmutam o proposto e agem, não como resistência ao proposto, e sim por inquerer.

O que nos interessa, e que é possível perceber nessa cartografia, são as forças do movimento, que só é do momento, e que não há um objetivo no movimento circular: não tinha uma proposta, ele aconteceu. Alguns bebês participaram e José permaneceu dando voltas, ou seja, existe uma natureza da força/desejo como geradora de uma reterritorialização do espaço, com novas possibilidades e experimentações.

7. A imanência dos bebês no movimento-vida

A observação que se apresenta a seguir foi realizada em uma unidade educacional da educação pública na cidade de São Paulo. Observou-se a movimentação de um bebê na área interna e externa da unidade, no exercício de sua potência de agir (ESPINOSA, 1973; DELEUZE, 2002) frente aos micropoderes que envolvem um cuidado e uma identidade dada pelo sistema, mas que podem interromper ou aumentar a sua potência.

Foto 1 – Um bebê no espaço interno da unidade educacional



T. é como este bebê é chamado pelo adulto. O nome é um dos produtos do poder que um bebê recebe, que o identifica e o tensiona para a identidade. No momento dessa observação em um espaço de educação infantil, outras características lhe são atribuídas e descritas pelos adultos. Ele tem 13 meses, nasceu com o pé torto congênito (uma rotação dos pés para dentro e para baixo). Utiliza uma bota ortopédica, com uma barra fixa de ferro entre elas, conforme acompanhamento médico. O poder também se manifesta como condição médica, nos cuidados e custos que essa condição conduz. Ele tem uma rotina coordenada pelos adultos. Chega na unidade educacional pela manhã, conduzido no colo, após 14 horas de pouco ou nenhum contato com o chão. Seus familiares e cuidadores priorizam o uso da bota ortopédica em casa, em espaços delimitados como o berço, cercado ou sofá, para evitar que ela se danifique por atrito, devido ao seu alto custo. T. utiliza a bota por 17 horas, sendo que 3 horas de uso ocorrem no ambiente escolar.

Em meio aos deslizamentos causados pela barra de ferro no chão liso da sala do berçário ou refeitórios, ele exerce sua potência de agir até onde seu corpo pode, com as interdições dos poderes adultos, médicos e institucionais. Ele se movimenta, engatinha, se apoia em móveis, paredes ou portões. Acidentalmente, ele caminha. Perde e ganha o equilíbrio com rapidez ao se manter em pé, com ou sem as botas ortopédicas. Após o período orientado para o uso das botas na unidade escolar, suas professoras as retiram e, por priorizar as brincadeiras e interações na área externa da unidade, T. passa o resto do tempo com os adultos e os outros.

Foto 2 – Um bebê em movimento no espaço externo da unidade educacional



O bebê tem contato com um chão rústico de cimento, gramado, tábuas de madeira em aclive ou declive no escorregador, arbustos, pontos de apoio como os bancos de cimento, tocos grandes no chão ou troncos de pequenas árvores. Nesse quintal, ele vivencia um movimento mais livre, com uma multiplicidade de encontros que aumentam a sua potência de agir. O bebê movimenta-se sem direção, imprevisível e não linear. Seu corpo se move por afe(c)tos em um presente absoluto.

Observamos que ele encontra com maior frequência apoios que o desafiam. Suas experimentações com o equilíbrio sem a bota parecem mais aguçadas em pontos como o do escorregador. Ele transforma o escorregador de madeira em um “subidor”, escala o declive. Ele não demonstra intenção de escorregar, mesmo que os outros bebês e crianças o façam. Ele alcança o topo do brinquedo. Efetua-se uma potência de sua singularidade, com alegria, relaxamento e tensão. Atravessa uma ponte de madeira, enquanto a educadora que o acompanha fica insegura e intervém verbalmente, mas o bebê ignora suas orientações para escorregar, não pela prancha lisa, mas pela escada. Ele usa o escorregador “ao contrário”.

T. escorrega de costas em direção à escada, a professora fica atenta e busca entender seus movimentos. O bebê segura firmemente com as mãos na lateral da escada, mantém seu corpo suspenso, deslizando e buscando novos apoios, até alcançar o gramado com os pés. Seus braços asseguram a força necessária para este modo de descer tão inusitado à perspectiva do adulto, e totalmente possível para esse bebê. Ele efetua sua potência de subir e escorregar.

Considerações finais: então, o que pode o bebê?

Compreendemos que a teoria do Nietzsche das forças ativas e reativas, na leitura de Deleuze (1976) tornou-se indispensável para pensar a potência de movimento do bebê. Na chave das forças ativas podemos colocar as forças de movimento, as ações, os agires como uma pulsão do desejo, a criação de si e de mundos. Na chave das forças reativas pensamos nas forças de conservação, de adaptação, de poder, de

mágoa ressentida, de construção da inteligência e subjetivação de formas duras e fixas, de acionar dispositivos e tecnologias de construção de corpos e subjetividades, de paixões tristes. Tentamos neste ensaio festejar o bebê e agenciá-lo na conjunção com Espinosa, Nietzsche, Simondon, Bergson, Deleuze, Guattari, Krenak e outros tantos da família dissidente. Poderíamos também agenciá-lo em outras constelações teóricas como a Jota Mombaça, Ângela Davis, Grata Kilomba e tantas outras conjunções que confluem na direção das forças criativas que se firmam como potência, movimento, alegria, amor, intuição, duração, élan vital, diferença, devir, singularidade esquizo, rizoma, Aión, Kairós, criação de si e de novos/ outros mundos. Mas há também, em concorrência atuando sobre os corpos, as forças conservadoras que são reativas, magoadas, ressentidas, tristes, chronos, sobrevivência. Ao estarem em posição de comando, conservam e adaptam a vida em seu estado de maior debilidade, fraqueza, doença, paixões tristes, distanciamento e desconexão do élan vital, da substância, da intuição, obediência, inteligência paranoica, poder que separa a vida de sua potência e produz uma subjetividade tola e dócil. O poder sobre a vida que se opõe ao poder da vida.

O corpo do bebê se expressa como potência de agir. Ao movimentarem-se, os bebês vivenciam encontros como as forças criativas e conservadoras no mundo em que ele chega. Forças e agenciamentos que ocupam os espaços, tempos e relações que contribuem ou não para a expansão de seus agires e inquereres. Identificar as forças e agenciamentos que circulam nos espaços educacionais nos propicia pistas sobre como elas incidem e como transcorrem na imanência dos bebês. Afinal, os movimentos dos bebês acontecem afirmativamente

te conforme os afe(c)tos. Os bebês vivem o movimento, não estão enrijecidos pelas forças reativas (DELEUZE, 1976), ainda que elas incidam sobre ele, todo o tempo.

Algumas dessas forças reativas se relacionam diretamente com o desejo do adulto, na projeção e no impulso de antecipar, limitar ou propor movimentos que intensificam a reprodução e reduzem a potência criativa de agir. Observar os movimentos dos bebês deixar-se afetar por eles, compreender os processos de subjetivação da creche, aguça nosso pensamento para as singularidades nos berçários.

O bebê, em sua potência, desafia as estruturas estabelecidas de poder e controle. Observando seus movimentos e a maneira como se relaciona com o mundo, sem intermediários e sem intenção, podemos ver novas formas de existir e interagir. A potência do bebê nos faz repensar nossos próprios modos de ser e as relações que estabelecemos com o mundo ao nosso redor. Ao valorizar a imanência pura e a singularidade pré-individual do bebê, podemos encontrar caminhos para transformar as relações de poder de maneira mais afetiva e criativa. Assim, o bebê não apenas absorve, mas também afeta e transforma, convidando-nos a um novo entendimento das forças que moldam nossa sociedade. Observar e deixar-se afetar pelos movimentos dos bebês pode aguçar nosso pensamento e abrir possibilidades para uma convivência mais harmoniosa e potente, onde a criatividade e a ação pura encontram seu espaço.

Referências

- BERGSON, H. *A evolução criadora*. Rio de Janeiro: Delta, 1964.
- BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DELEUZE, G. *A imanência: uma vida*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. México: Ediciones Era, 1978.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995-1997. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- DELIGNY, F. *Oeuvres*. Paris: L'Arachnéen, 2017.
- DELIGNY, F. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: N-1 Edições. 2015.
- DELIGNY, F. *Cartes et lignes d'erre / Maps and Wander Lines*. Paris: L'Arachnéen, 2013.
- ESPINOSA. *Ética*. Vários tradutores. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural. 1973 (Col. Os Pensadores).
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 35. ed. Petró-

polis: Vozes, 2008.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAN, B. C. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HESÍODO, T. *A origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1995.

KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.

MIGUEL, M. *Guerrilha e resistência em Cévennes*. A cartografia de Fernand Deligny e a busca por novas semióticas deleuzo-guattarianas. *Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, v. 8, n. 1, p. 55-71, 2015.

NIETZSCHE, F.W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PELBART, P. P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2011.

SIMONDON, G. *L'individu et sa genese physico-biologique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1964.

TEBET, G.; ABRAMOWICZ, A. Afinal, o que querem os bebês? *Debates em Educação*, Maceió, v. 13, n. 33, p. 377-390, 2021.

RESUMO

Este artigo, sob a forma de ensaio, utilizou-se de alguns conceitos propostos por autores da Filosofia da Diferença, para pensar de que maneira os bebês carregam como fonte de suas existências uma multiplicidade de possíveis que necessitam de encontros para se atualizarem e concretizarem modos de vidas singulares em seus movimentos. Movimentos que expressam suas potências criativas, potência utilizada na chave Nietzscheana, aliada aos espaços-tempo que se apresentam como forças ativas e reativas (Nietzsche). Utilizamos também a distinção estabelecida pelo pedagogo Fernand Deligny (2017) entre agir, fazer e inquerer. Adotamos a ideia de agir e inquerer como ferramentas analíticas fundamentais para traçar os movimentos que seguem fluxos imprevisíveis, que apresentamos por meio da cartografia e observação, inspiradas nas pesquisas de Deligny, para traçar as forças e agenciamentos que se anunciam pelos afe(c)tos no movimento-vida dos bebês.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos de bebês. Cartografia. Filosofia da diferença.

ABSTRACT

This essay draws upon concepts from the Philosophy of Difference to explore how infants embody a multitude of potentialities that unfold through encounters, shaping unique life trajectories through their movements. Drawing on Nietzsche's notion of creative power and the active/reactive forces of space-time, one examined the dynamic nature of infant agency. Inspired by Fernand Deligny's (2017) distinctions between acting, doing, and inquiring, the concepts of acting and desiring were used as analytical tools to map unpredictable flows of infant movement. Through cartography and observation, influenced by Deligny's research, forces and assemblages that emerge through affectations in infant life-movements were uncovered.

KEYWORDS

Baby Studies. Cartography. Philosophy of difference.

Recebido em: 30/03/2024
Aprovado em: 05/08/2024